

## A PERVERSÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

João Pedro Scheffre Nascimento\*

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo elaborar, a partir da literatura Sigmund Freud, Georges Bataille, Giorgio Agambem e Paul. B. Preciado, a temática da perversão. Embora dialoguem em sentidos epistemológicos diferentes, integram o caráter de continuidade sobre os tópicos. Elaborando desde a fundamentação, ou a “natureza” da perversão em princípios da sexualidade, como também trabalhando a experiência sexual como veículo de individualidade intraduzível, ou como uma experiência profana. Levantando também a relação que existe entre individual e coletivo, e como as forças externas a individualidade imprime no indivíduo o caráter de vigilâncias contínuas. Associando a restrição sexual como um dos imperativos do sistema que redige as normas do contrato-social, policiando as atividades a fim de manter a unidade singular presa a um sistema de controle. Construindo assim, um modelo que aborde desde o fundamento, a externalização, a repressão, e por fim a fuga, também lida como resistência.

Palavras-chave: Experiência. Perversão. Sexualidade.

### 1 HISTORICIDADE PERVERSA

Como poderia ser estabelecido o limite da perversão? Seria através do liame científico? Classificatória, categórica, repressiva e excludente. Ou seria a perversão talvez um meio? Um ato não classificável, irreduzível ao campo da palavra, uma ação que por essência se subverte a cartografia do mistério? E se a perversão, diferente da lógica normativa que a reprime, fosse na verdade uma correspondência da vida cotidiana? Uma verdade oculta impressa em todo ato externo inatingível por excelência?

Tais questionamentos norteiam o presente trabalho, a fim de elaborar circuitos de entendimento acerca da perversão. Obrigatoriamente as explicações que se seguem precisam passar pelos percursos da sexualidade e suas representações, considerando a expressão “sexualidade” como a construção que integra a individualidade subjetiva dotada de conteúdos libidinais de cada pessoa com a externalização desse parecer, ocasionando distintas possibilidades sobre sua manifestação.

Abordar a temática da perversão exige-nos o cuidado epistemológico presente dentro desse campo. No seu sentido científico comumente associado, encontramos no Manual Diagnóstico de transtornos Mentais (DSM-V) as parafilias e os transtornos parafílicos, sendo as parafilias condutas sexuais atípicas (Fetichismo, Voyeurismo, Cross Dressing). Porém dentro do seu quadro não convencional, não geram sofrimentos significativos para quem os pratica ou para outros. Diferente dos transtornos parafílicos, onde as ações que carregam o caráter sexual além de serem socialmente não aceitos (Pedofilia, Sadismo e Transtorno Voyeurista), geram sofrimentos para quem os pratica ou para terceiros.

*Um transtorno parafílico é uma parafilia que está causando sofrimento ou prejuízo a um indivíduo ou uma parafilia cuja satisfação implica dano ou risco de dano pessoal*

---

\* Discente do Curso Psicologia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II. E-mail: scheffrer@gmail.com, sob a orientação Prof. Dr. Leonardo Martins Costa Garavelo. E-mail: Leonardo.garavelo@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 15 jul. 2024.

a outros. Uma parafilia é a condição necessária, mas não suficiente para que se tenha um transtorno parafílico e uma parafilia por si só não necessariamente justifica ou requer intervenção clínica. (DSM-5, 2014, p.685)

A existência de regras macropolíticas de abnegação da sexualidade faz pensar também se todo e qualquer ato sexual também não acabam se associando aos perversos. Pois o contrato-social mascara a relação que existe entre a dinâmica civil e os acontecimentos individuais expressos em restrição. Não havendo espaços para elaborar o processo do cidadão enquanto entidade portadora de subjetiva, apenas como entidade-cívica unicamente. A nomenclatura dos fenômenos não-convencionais surge como demandas clínicas, parafílicas enquanto indivíduo doente, mas como indivíduo sadio, a penetração cumpre o papel de funcionamento sexual correto e típico, sem extensões de seu desdobramento.

Levando em consideração outros formatos de entendimento epistemológicos, encontramos autores que relacionam os fatores sexuais com a historicidade, religiosidade, política e cultura. Foucault é uma das figuras pertinentes do entendimento histórico-sexual. Levantando através dos feitos e registros que a própria historicidade consegue prover, maneiras de expandir a forma como a sexualidade é vinculada tanto a época, como as construções que integram a subjetividade. Relacionando estes acontecimentos com a forma que o poder, atribuído a forças superiores (ditas burguesas) se vincula as massas, instaurando regimes de controle frente a conduta social. Reproduzindo dentro do campo da linguagem maneiras de reprimir a ordem sexual, banalizando-a aos poucos para gerar o devido desgaste e assim construindo uma economia restritiva, passível da ordem do poder. Podendo a sexualidade agora ser manipulável e direcionável a fins de interesse destas forças superiores.

No sentido psicológico, Freud traz luz para uma temática que não havia sido desbravada com tanto afinco. Na medida em que seus estudos neurológicos acerca da histeria o direcionavam cada vez mais para formas sexuais reprimidas dentro dos sintomas, encontra dentro deste processo uma sistematização que não ocorria de forma consciente. A elucidação do sintoma por parte do paciente traduzia-se em questões sexuais, que não poderiam ser moralmente aceitas, ou tinha um conteúdo denso o suficiente para reconhecer que sua manifestação resultaria em represália social. Reflexão que posteriormente Freud cunhou de recalçamento.

A sexualidade, enquanto um evento, ou acontecimento propriamente dito, não se refere necessariamente a forma que vai ser interpretada, mas sim como a experiência é vivenciada. A experiência, como um princípio ocasional, não consegue corresponder positivamente a lógica investigativa ou metodológica, confinando em expressões não-traduzíveis ou inacessíveis para a linguagem. Criando o caráter de unicidade dentro dos pareceres.

Baseado nestas perspectivas, o presente trabalho tem como objetivo, através de uma revisão narrativa de literatura, compreender o fenômeno da perversão como um modelo ético da vida cotidiana. Sempre compreendida a luz panóptica dos acordos morais e dos tratados sociais, agora atribuída como uma força produtiva intrínseca a individuação. Não direcionando o tema para um princípio pejorativo, mas como um reforço aos impulsos de vida atribuídos a sexualidade que entram em conflito com forças externas.

Utilizando neste estudo, a luz das perspectivas de Georges Bataille, Giorgio Agambem, Sigmund Freud e Paul. B Preciado. Dos quais dialogam indiretamente, mas que corroboram de maneira extremamente significativa acerca das vontades e desejos impressos na sexualidade, que posteriormente será tratada corretamente dentro dos seus percursos perversos.

## **2. TRÊS SÍNTESES**

As três sínteses que se seguem são breves recortes de distribuição da qual o estudo se direciona, podendo referenciar três modelos de integração entre sujeito com coletivo, e

maneiras de como essas relações podem destoar ou consonar. Entre a figura de atravessamento das forças do mundo ao sujeito, e as mazelas que tal ação gera (Mundo-Indivíduo). Alterando a perspectiva de fora para dentro, e a forma como a subjetividade se inscreve dentro desses pareceres (Indivíduo-Mundo). E a lógica onde a potência vital se traduz como resistência frente as forças aniquiladoras, gerando novas formas e potencialidades de vida (Mundo-Indivíduo-Mundo).

- 1) O mundo como forma representativa, dotado pelas relações humanas, financeiras, econômicas, culturais, sociais, linguísticas e selvagens. Que lê, compreende e interpreta cada indivíduo dentro de sua própria singularidade, e que, invariavelmente, sua forma ou posição é atravessado pelas forças do mundo. Cabendo, claro, esclarecer que cada corpo possui distintas atribuições no mundo, e conforme sua configuração (cor, gênero, posição econômica) o atravessamento não o assola de maneira predatória que simultaneamente é imposta em outros indivíduos. Em suma, Mundo-Indivíduo.
- 2) Os indivíduos que coexistem com o mundo, são atravessados pelas forças centrais de todas as esferas presentes nele. Mais precisamente, no conceito de Suely Rolnik (2018), o regime colonial-capitalístico, onde as forças do capitalismo se descentralizam, e nelas o mercado neoliberal consegue se apropriar de todos os espaços que almejam a desestabilização das forças vitais presentes em cada indivíduo. Considerando a individualidade a partir dos seus princípios subjetivos, sublima dentro dos referenciais de vida, potencialidades virtuais de uma vida não sentenciada á sistematização. Entendendo a singularidade como potência frente as forças de atravessamento, ou, em melhores termos, a força criativa. Alterando a perspectiva para a lógica Indivíduo-Mundo.
- 3) O tríplice formato de entendimento das estruturas político-sociais que categorizam a história como mecanismo de subjetivação, inscrevem no indivíduo recortes dos atravessamentos que tais eventos proporcionaram e ainda proporcionam. Sendo atravessado por forças capitalistas financeirizadas, encontra dentro desse regime político formas de insurgir frente as forças, reelaborando maneiras distintas de não ceder a retaliação. Encontrando dentro de vias subjetivas e materiais, fugas interligadas com a potencia criativa inerente de cada um. Formando assim: Mundo-Indivíduo-Mundo.

### **3 DOS CAMINHOS PERVERSOS**

O pensamento secular, se não milenar, sobre a sexualidade sempre trouxe diferentes e complexas questões cerca do seu entendimento. Desde os princípios mais carnis(antropológicos), até as mais distintas formas de flexibilização decorrente dos espaços e momentos da história, como o medievalismo e a industrialização por exemplo. A historicidade humana expressa de maneira parcialmente simples a correlação existente entre a crueldade e a sexualidade, compreender a integração deste movimento enquanto cosmovisão que se faz uma tarefa árdua e possivelmente inesgotável.

O princípio da sexualidade, compreendida como um movimento orgânico, molda a maneira como o desejo impera e como o corpo adquire ou perde propriedades de individualização. Exigindo ser pensado em suas distribuições que não precisam perpassar ao único prisma da ação ou atividade sexual. Mas referindo-a a um complexo conjunto de fatores históricos, linguísticos, culturais e normativos.

Maneiras e formatos de como a sexualidade foi impressa na história humana também fazem parte do condicionamento para sua compreensão. Pois a figura de reprodução associada

ao animal não consegue sustentar a logística que hoje está integrada ao erotismo, visto que a diferenciação que existe entre o homem e o animal ocorre devido ao desejo, entidade que altera os circuitos de funcionamento entre as espécies.

A maneira como ocorre a regularização da sexualidade no meio social é compreendida sobre estes diversos escopos distintos. Todos, direta ou indiretamente possuem espaços mínimos ou breves de dialogo acerca do tema da sexualidade, sem abrir margem para formas que não se adequam a sua regularidade. Do mesmo modo como também ocorrem acordos que estabelecem aqueles que não deveriam se integrar à coletividade, os desviados. Pois os mesmos existem de uma maneira que não se alinha aos princípios civis.

A perversão, segundo uma lógica sexual, é um comportamento que se descompromete por inteiro das normas sociais que estabelecem as relações humanas. As normas possuem como objetivo estabelecer o controle sobre a ordem social, porem existem células que rompem com tais movimentos, ações que transgridem a proibição, ocorrendo como um contramovimento dos pressupostos civis, células perversas.

A experiencia sexual, diferente de qualquer pressuposto teórico-científico, não consegue ser tangenciável através das palavras. A descrição pode tentar alcançar um recorte do evento, mas a singularidade expressa dentro desse momento não consegue ser compreendido fenomenologicamente. Sendo necessária a compreensão a fim de expandir a natureza da sexualidade para além de um princípio de causa e efeito, mas sim atingir um patamar não acessível ao limite da razão.

Levantar tais acontecimentos, mesmo que em estados germinativos, implicam em conseguir compreender estruturalmente os sistemas que permeiam a vida coletiva e individual. Concebendo os regimes de atravessamento, a fim de elaborar linhas de fuga de sua sistematização, a resistência ao processo de des-individualização se torna necessária para o regime da diferença sexual. O caráter de construção, integração e criação precisam estar em comum acordo sobre os pareceres referentes a lógica sexual, assim sendo, reconhecem a dinâmica que existe com a infinidade de elementos que comportam a atividade sexual, assim como os infinitos elementos que visam aniquila-los.

#### **4 FREUD E A TEMPORALIDADE DO EROTISMO**

A sexualidade sempre trouxe atravessamentos diversos. O ato, a ação, o interesse e as formas como esse dinamismo pode ser expresso de maneiras completamente singulares fazem desta esfera seu enigma. A mundanização do desejo, partindo do pressuposto de um desejo singular intrínseco de cada pessoa, nos leva a pensar que a sexualidade por essência é infinita, intransponível. Visto que cada pessoa configura seus interesses sexuais a partir de uma fundamentação até então invisível. Mas então, de onde advém a sexualidade? Como ela se faz? Existe controle sobre ela? O tempo é uma ferramenta a ser considerada?

Freud arriscou-se em elaborar a teoria da sexualidade partindo dessa fundamentação, de um espaço originários compostos por moléculas, movimentos, sensações e satisfações de uma primitividade esquecida a luz da consciência. Pensando o momento onde ocorre este fenômeno no período da infância.

Em Três Ensaio Sobre a Sexualidade (1905), retrata a criança como perverso-polimorfo, onde o corpo não possui propriedade material orgânica de identidade, mas extensões de sensibilidades. Significando que as sensações sentidas pelo bebê, incorporam nele fontes de satisfação, que são traduzidas por regozijos virtuais em estado germinativo. Em outras palavras, não há restrição ou barreiras ao que diz respeito ao erógeno neste momento. Por um curto período de tempo, a sexualidade se faz em sua forma mais pura, irreprimível, expandida para todos os horizontes dos quais a sensibilidade consegue alcançar.

Expandir exige a externalização do ponto inicial, Freud associa a sensibilidade não como espaços externos a serem preenchidos, mas sim como extensões do órgão-corpo. A segmentação e diferenciação dos objetos que circundam não ocorrem nessa etapa do desenvolvimento, tudo é uma coisa só: O corpo.

Sobre o direcionamento desses vetores e extensores, cabe ressaltar que inicialmente, toda a forma de excitação é dirigida para o próprio bebê em seu estado emancipativo-corpóreo, e não para sua expansão acumulativa de territórios em exploração. “[...]O instinto não está dirigido para outras pessoas; ele se satisfaz no próprio corpo, é autoerótico [...]” (Freud, 2016, p. 85). O autoerotismo irá atravessar todos os cenários da clínica freudiana a partir de então. A sensação erótica ocasionada pelos mais diversos estímulos ocorridos neste período comumente é esquecida em um protótipo de amnésia. O que nada mais é que uma ferramenta inconsciente capaz de “apagar” os atos libidinosos irrestritos antes deles serem circunscritos na jurisdição da moralidade. Ocasionalmente que ao chegar agora a um modelo de consciência, as ações eróticas são de extremamente vulgarizadas e não podem ser concebidas como ocorridas, então retornam ao inconsciente como fantasias virtuais.

O autoerotismo é a formação mais tenra que há entre o contato do corpo com a experiência sexual. A relação que existe entre as experimentações e as elaborações do erotismo perpassam uma linha extremamente única e particular de cada indivíduo, sendo elas passíveis de elaborarem futuramente o desejo. Não nos convém fazer a liame característica entre a criança que mama para aliviar a tensão, com o adulto que precisa do cigarro para se acalmar. Mas sim reforçar o encontro entre a experiência prazerosa, e a forma como ela credita subjetivamente elementos que vão estar presentes em cenários e situações onde a vinculação sexual erógena se realiza.

A lógica perversa-polimórfica reflete as incalculáveis potencialidades que existem entre o fenômeno da sexualidade e a vida particular. A essência dessa relação é a grande organizadora da fundamentação que Freud buscou compreender ao atribuir a sexualidade a criança. A individualidade manifestada no mundo será lida sobre os interditos sociais que fazem parte deste esquema. Pois a cultura e a época são indispensáveis para ditar a forma como a subjetividade é comprometida, e como será projetada no mundo.

#### **4.1 Konträrsexuale**

A má formação do processo de desenvolvimento psicosexual de Freud pode nos levar a diversos pontos referenciais de sua clínica e teoria, mas ao que se dirige ao propósito do presente trabalho, tratemos dos *Invertidos*.

Em seu ilustre primeiro ensaio, intitulado “As Aberrações Sexuais”, Freud elabora a relação de inversão atribuída a sexualidade. Dos quais relaciona uma troca dentro dos contextos esperados do “normal”, baseado em uma perspectiva heterossexual, onde o desejo da mulher sadicamente é direcionado para o homem, tal como o homem possui desejos pela mulher. O invertido, por sua vez, é o oposto dessa formação, sobre um escopo patológico-homossexual, onde a mulher agora deseja a mulher, e o homem deseja o homem. Cabendo ressaltar o escopo crítico direcionado ao posicionamento do autor, que por diversas situações atualizava o texto em conformidade ou discordância dentro dos inscritos.

Freud os distribuiu em três categorias: invertidos absolutos, invertidos anfígenos, e invertidos ocasionais. Sendo respectivamente pessoas gays, bissexuais, e os de caráter indeterminado da qual se assujeitaria o seu objeto de desejo. Na tentativa de cada uma ser compreendida a luz fenomenológica do seu tempo, tentando atribuir uma etiologia para a então doença invertida. Onde destrincha fenômenos da infância e como tais incidentes podem prever as ocorrências da vida futura em seu estado possivelmente de sofrimento. Relacionado

a disfuncionalidade dos complexos teoricamente construídos, o menino almeja o pai e conflita com a mãe, tal qual a menina com a mãe e em embate com o pai.

Os invertidos, para além de sua categorização mais ou menos patológica, entram também dentro de duas noções importantes para saber qual grau de comprometimento há dentro de sua inversão seriam: a inversão inata e inversão degenerada.

Sendo adquirida, a inversão inata surge como o efeito fenomenológico presente na relação adquirida entre desenvolvimento e a sexualidade, onde os traços históricos são os precursores de sua nomenclatura. Como um evento canônico da vida erógena deixa traços fortes o suficiente para não conseguir reelaborar o circuito correto das vias sexuais, inclinando-se ainda em momentos não cognoscíveis para a homossexualidade. Ou o contato contínuo com o mesmo sexo elabora a ausência do objeto sexual normal, ocasionando a readaptação para outro formato em conformidade com o externo.

O caráter degenerativo do qual Freud se refere, assim como grande parte do seu estudo sobre a sexualidade, não consegue entrar em consensos referente as teses apresentadas. O invertido degenerado entraria em consenso com o transtorno presente dentro dos quadros de inversão, onde há o desvio ao que diz respeito as normas sexuais, e são entrelaçados em um determinado grau de sofrimento psíquico.

A construção do objeto sexual dos invertidos se concentra inicialmente sobre a questão de inversão dos elementos inseridos em um gênero somado a outro. O homem que se percebe com características femininas e logo procura outro homem; o homem que vincula em outro homem características femininas. E sobre o caráter do objeto sexual de mulheres invertidas, Freud somente diz:

Mais inequívoca é a situação no caso da mulher, em que as invertidas ativas têm, com bastante frequência, características somáticas e psíquicas do homem e buscam a feminilidade no objeto sexual- embora também aqui um conhecimento mais aprofundado possa revelar maior variedade. (Freud, 2016, p. 37)

Referente a meta sexual, do qual Freud não atribui a relação existente entre o objeto sexual, mas sim os acontecimentos entre quem deseja e o desejado, o sexo propriamente dito. Dentro desse evento todas as relações envolvidas com os conteúdos previamente construídos rompem com o pensamento metafórico-fantasmático, e a ação surge com a lógica biológica sobre a saciação do desejo sexual reprodutivo.

Como uma fuga dentro da sistematização homossexual aplicada aos invertidos, Freud também recorre a atribuição dentro do corpo heterossexual, e como o mesmo possui traços de ambas as sexualidades, direcionando não somente o corpo, mas também o psiquismo como elaboração hermafrodita, ou de uma predisposição originariamente bissexual. Ocasionalmente a totalidade da experiência sexual como uma possibilidade, onde o dinamismo que existe entre desejo e objeto possa expressar-se de maneiras das quais invariavelmente tendem aos ditos perversos.

Considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome). Mas no ato sexual mais normal já se notam os rudimentos que, desenvolvidos, levarão aos desvios que são denominados perversões. (Freud, 2016, p. 40)

O pensamento distintivo entre os normais e os não normais não precisa ter a importância da diferença sexual da qual Freud atribui, mas conseguir enxergar dentro desse processo algo de inexplicável é ao que a sexualidade nos desafia. Nem como caráter inato, adquirido ou degradativo, a sexualidade não consegue ser reduzida a explicações que abarcam com o todo do

seu fazer. Desde a primazia do desejo a ação propriamente dita, onde os referenciais da sexualidade preenchem o saciamento do qual a libido provém.

## 5 BATAILLE, SOBRE O TRANSPONÍVEL

Enquanto Freud nos propôs a noção de um princípio ou “natureza” da sexualidade, atribuindo aos acontecimentos como precursores das forças inconscientes que formulam o desejo. Em Bataille não encontraremos tal diálogo ou dialética, sua literatura está expressa em uma linguagem ora devassa, ora mística. Destoando dos escritos convencionais da literatura filosófica.

Por muitas das vezes, Bataille coloca a sexualidade em um patamar inatingível ao plano linguístico ou semiótico, sendo talvez esta perspectiva a figura motriz de seu pensamento. Pois em diversas ocasiões o autor coloca a sexualidade em um cenário enigmático e místico, atribuindo-a ao plano metafísico-teológico de experiência. “O olho chega a ocupar uma posição extremamente elevada no horror por ser, entre outros, o olho da consciência” (Bataille, 2018, p.86)

Para o autor, a sexualidade é uma experiência religiosa individual, profana, de um caráter que não pode ser expresso através da racionalidade. A experiência interior parte de um princípio singular e indivisível das expressões de sensibilidade, das quais comportam a totalidade do que atribuímos a expressão: subjetividade. Adquire na fórmula humana, todos os pareceres que consigam abordar a experiência em seu formato individual, que por muitas das vezes acaba também sendo assimilada com outras experiências, fundamentando o caráter de coletividade. Bataille (2021, p. 60) diz:

Devemos começar por nos dizer que nossos sentimentos tendem a dar um ângulo pessoal a nossas visões. Mas essa dificuldade é geral; é relativamente simples, a meu ver, perceber em que *minha experiência interior coincide* com a dos outros, e através do que ela me faz *comunicar* com eles. (Bataille, 2021, p. 60)

Necessário pontuar que a formulação da sexualidade também se faz presente nesse movimento, pensando na elaboração anteriormente citada em Freud, onde a sexualidade é entendida como uma construção psicosssexual da vida em conformidade com o mundo, tal qual as experiências que estes eventos suscitam na individualidade.

Cabe ainda reforçar a lógica expressa dentro da experiência que se dirige para a sexualidade, pois a vida vivida é dotada de tal parecer. Diferente dos animais, a figura humana não tem como objetivo a procriação ou perpetuação da espécie, pois surge dentro dessa configuração darwinista o erotismo. Deste processo, imperam a forma irrestrita da sexualidade aplicada, ou seja, invariáveis os conteúdos relacionados ao erótico, dentro da experiência interior ele não sofre a repressão por um estado natural, mas sim por forças externas que o compelem, em outras palavras, o interdito.

Para compreendermos a perversão, no seu sentido de desvio, precisamos antes disso saber o que é que estamos desviando, e quem realiza a construção das normas que segmentam entre desviados e não-desviados. O interdito é a relação que existe entre o *fora*, no sentido como a norma ou a lei estipulam as regras e as vias de manutenção frente a culturas e performatividades sociais. A relação que encontramos frente as normas que são expressas pelo interdito podem ocorrer de diferentes maneiras, no seu sentido religioso, judiciário, moral. Condutas proibitivas que tem como objetivo assegurar a ordem social.

E a sexualidade não poderia ser diferente, pois o aspecto animalesco do qual encontramos dentro da atividade sexual traz consigo aspectos de uma degradação do interdito, ou das normas que estipulam o que pode ser aceito ou não. O elemento sexual integralmente reproduz violência frente a essa proibição, pois ambos não podem andar em comunhão. De um

lado temos a lei, e de outro, sua violação. A dualidade que imprime o caráter social ao indivíduo que carrega consigo a obediência e a transgressão das normas.

A violência, como foi anteriormente tratada, é uma figura central sobre transgressão, pois os meios que caracterizam a violação e a proibição não possuem espaços de diálogo. Salvo situações em que o interdito permita que a transgressão ocorra, como no casamento e na guerra, Bataille (2021, p. 88) diz: “A proposição ‘o interdito está aí para ser violado’ deve tornar inteligível o fato de que o interdito do assassinato, embora universal, nunca se opôs a guerra. Estou mesmo seguro de que, sem o interdito, a guerra é impossível, inconcebível!”.

Elaborar a atividade sexual em meio a aceitação social se torna uma questão de extrema dificuldade, pois o conteúdo que se expressa dentro da sexualidade não se faz razoável para o interdito social. A internalização desse parecer torna cada indivíduo um protótipo de transgressor, pois cada pessoa acaba por se munir sexualmente de algum elemento ao longo da vida, ou ser atravessada pela violência gerada de outra transgressão.

Encontramos dentro do elemento da transgressão algo que não consegue ser expresso no campo da linguagem, porque a relação que é atribuída a violência com a experiência interior de cada pessoa é estabelecida de uma maneira estritamente singular. O imperativo que surge com a transgressão não possui nenhum tipo de restrição, o acontecimento se encontra além dos princípios morais, e entra novamente em cena a experiência como uma expressão religiosa. A transgressão atinge seu cume com a externalização do *dentro*, ou seja, agora, *fora*. Tal ação de materializar a metafísica do desejo, ou paradoxalmente, tornar sublime a ação reproduzida, carregando o caráter de religiosidade do qual Bataille emprega dentro do cenário do erotismo.

Sobre o erotismo, os signos impressos de estimulação individual encontram-se em uma infinidade de relação que possam estar atribuída ao seu cenário sexual. Mas tais signos são traduzidos como meios, Bataille os conceitua como objeto *de desejo*, dos quais materializam a impressão do desejo sexual, não sua completude sobre o evento erótico. “O objetivo de desejo é diferente do erotismo, não é o erotismo inteiro, mas o erotismo passa por ele” (Bataille, 2021, p. 154). Logo, a forma como o mundo fenomênico nos atravessa é de suma importância para a categorização da individualidade sexual, mas transpor tais eventos para elementos que carregam o cerne da sexualidade não podem ser traduzidos por matemas lacanianos.

Segundo Bataille (2021, p. 153) “O sentido último do erotismo é a fusão, supressão do limite”. Em outras palavras, a indiferença, a quebra da barreira que atribui a distinção. Não havendo mais limites e restrições frente ao desejo, o erotismo se completa. A sexualidade se dilui no ato, sua categorização não diz mais respeito a quem o experiencia. É acesso o plano do qual fora tentado atribuir a lógica religiosa, do sentido profano de experiência, da qual a linguagem não consegue acessar. Em resumo, toda atividade sexual é uma transgressão ao interdito, e toda transgressão, uma perversão. Logo, toda atividade sexual existe por natureza sobre os princípios da perversão.

## 6 AGANBEM E O PANOPTISMO INTROJETADO

Aganbem, diferente dos outros autores, refere-se a perversão em duas maneiras distintas: Uma forma não-sexual, aonde o comportamento sexual não precisa ser atribuído á perversão nem a atividade sexual. E a perversão como uma força política frente ao corpo, assediando-o de maneiras que as normas e as fronte sociais aceitem tal conduta. Entendendo a relação política como um sistema de registros, onde a individualização não impera como autonomia, mas sim como um dispositivo social sujeito as forças coletivas de controle, que alinham as atribuições sociais com o objetivo de manter a individualidade operando conforme a vontade do sistema operacional.

A relação com as estruturas políticas e sociais fazem parte do cenário do regime sexual. A transitoriedade e a normatização da sexualidade falam sobre a maneira praticamente totêmica

de como o corpo precisa agir frente ao coletivo. Os imperativos que vigoram na sociedade se traduzem por definições panópticas, onde a quebra das leis ou normas sociais são automaticamente identificadas e relacionadas com seus devidos relatos e penalidades.

A vida que, com as declarações dos direitos humanos tinha-se tornado o fundamento da soberania, torna-se agora o sujeito-objeto da política estatal (que se apresenta, portanto, sempre mais como "polícia"); mas somente um estado fundado sobre a própria vida da nação podia identificar como sua vocação dominante a formação e tutela do "carpo popular". (Aganbem,2002, pag. 155).

Em “Contribuições para uma guerra em Curso”, do grupo anárquico TIQQUN (2019), o entendimento da estrutura do panóptico Foucaultiana é re-utilizada de outra maneira. Como se a estrutura, no seu sentido arquitetônico, tivesse perdido sua propriedade material dentro das prisões, atingido um estado de emancipação espectral. Onde a funcionalidade do panóptico fora introjetada no corpo civil, transformando o cidadão convencional em um agente penitenciário, ou um policial civil.

A emancipação do panóptico, agora impresso dentro do sistema de funcionamento coletivo-social, exerce uma função crítica dentro do cenário sexual. A sexualidade, como parte de um cenário subjetivo, sempre se dispõe da lógica psicanalítica que imprime o desejo/gozo/satisfação como um conjunto de elementos constituintes da individualidade. Em outras palavras, a sexualidade na sua dimensão subjetiva, se faz presente em todo cenário social ao qual uma pessoa é pertencente. E todo elemento sexual, parte desse conjunto, ao ser exposto como condição orgânica-psicanalítica, sofre da repressão inerente desse sistema operacional que lê seu registro e o direciona para as figuras tutelares que possuem a ação necessária de neutralização.

A vigilância civil, do agora policial civil, adquire não só características físicas, como também figuras psicológicas centrais dentro dessa sistematização. A individualidade nunca está expressa só, o conjunto característico proposto pelas forças políticas e dos contratos sociais é colocado como uma obrigação da vida cotidiana interligada aos outros. E nessa relação, pela continuidade do contato coletivo, o panóptico se torna um protótipo subjetivo que relaciona as ações de vigilância e retaliação direcionada para si e para os outros.

## **7 PRECIADO E A ABSTRAÇÃO**

Tratamos então o conjunto de relação que existem entre indivíduo, sua intersubjetividade, o que ela representa, e como a mundo o vê. O que resta, sobre a perversão, dentro deste sistema que visa erradicar a vida sexual, é saber o que fazer com ela. Em uma medida crítica, Preciado nos surge com uma proposta distinta, da qual procura romper com a lógica histórico-imperativo, dizendo:

É hora de deixar de estudar e de escrever o sexo como parte da história natural das sociedades humanas. A “história da humanidade” se beneficiaria se fosse rebatizada como “história das tecnologias” sendo sexo e o gênero dispositivos e inscritos em um sistema tecnológico complexo. (Preciado,2022, p. 34)

A história das tecnologias das quais Preciado se dispõem a citar, referem-se a macro sistematização dos interditos que instituem o hábito da diferença sexual, da qual ocupa um espaço extremamente significativo ao que se refere as lutas pela diversidade. Os constructos que estabelecem as relações dentro do contra social com os dispositivos são elaborados sobre crenças coloniais que utilizam de meios retóricos para perpetuar as concepções insurgidas na história que segregam o gênero, a classe, o sexo, e a vida. Destes princípios religiosos,

linguísticos, científicos e morais, estabelecem-se o entendimento normativo, onde se redige o que é certo, errado, possível e necessário ser excluído.

O discurso da sexualidade esconde, através de uma macropolítica científica, uma tentativa da padronização ou normatização das performatividades de vidas-vividas. A elaboração do seu discurso não tem como pretensão ceder a “lei” do Natural (Homem/mulher), mas sim revisar constantemente as novas formas de expressão que progressivamente estão em estado de insurreição nos conflitos da diferença sexual, com o objetivo de reestabelecer a norma, e assim neutralizar os constantes perigos latentes que vez ou outra se posicionam criticamente a sua posição.

Na literatura de Preciado encontramos o conceito de contrassexualidade, do qual segundo o autor “A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário é mais o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros.” (Preciado, 2022, p. 32). Ou seja, o movimento contraprodutivo das forças imperativas que vigoram e governam os corpos. O panoptismo, o interdito, a lei, a palavra são meios dos quais os movimentos sexuais enclausuram as potencialidades vigentes, mantendo a força de produção (colonial-capitalista) em modo operante, cabendo encontrar soluções que fujam desses circuitos, conseguindo encontrar linhas de fuga que reelaborem corretamente a experiência sexual sem as proibições que se fazem presente.

Preciado busca resistir a esse parecer, fugir dessa lógica binária, desconstruir o entendimento de gêneros, e construir formas novas de conceber a fluidez que decorre das experiências mais íntimas e que fogem dos recortes do mundo. A figura de autonomia precisa ser ressaltada com avidez em se tratando de resistência. As forças heteronormativas que instituem os atravessamentos de poder da tradição buscam com todas as suas ferramentas inibir a fuga em seu agenciamento, porque sabem dos riscos que correm ao deixar uma pessoa estabelecer-se em sua autenticidade.

Contraprodutivamente falando, a sexualidade normativa possui um limite, um espaço que se restringe topologicamente, sendo alcançado apenas com o uso intercursivo da linguagem. A proposta do autor é transgredir tal limite, e encontrar na próxima etapa, a contrassexualidade, a aversão aos dizeres sexualmente “normais”. No movimento contrário a tradição, encontramos a potencialidade, e nela a resistência. Construir tais cenários não são necessariamente abolir a lógica que consolida previamente a configuração da qual uma pessoa será sujeita, mas implodir dentro dessa regulação agora realizada, uma nova faceta anteriormente não vista, apenas pressentida e temORIZADA. Podendo agora a individualidade possuir uma liberdade expressiva que não se regula ou auto regula, mas que cria.

A resistência frente as forças de aniquilação heteronormativas não se traduzem de maneira ordenada, menos ainda como uma força tarefa simples. Exige-se dentro do cenário de resistência a complexidade que é investida contra o empreendimento sexual. O grupo TIQQUN novamente retorna, trazendo contribuições ou sabotagens, que dizem respeito ao que fazer perante a sistematização normativa. Perguntando:

O que fazer? A resposta é simples: submeter-se / uma vez mais à lógica da mobilização, à / temporalidade da urgência. Sob pretexto de / rebelião. Postular fins, palavras. Inclinar-se à sua / realização. À realização da palavra. / Na espera, adiar a existência. Colocar-se / entre parênteses. Alojarse na exceção / de si. Às margens do tempo. Que passa. Que não / passa. Que para. / Até... Até o próximo. Objetivo. (TIQQUN, 2016, p. 14)

## 8 AFINAL, ONDE HÁ PERVERSÃO?

Foi tratado ao longo deste estudo, a ambígua relação existente entre os autores, e a forma como o diálogo vai se estabelecendo de maneiras, a princípio, inofensivas. Deste a formação da sexualidade, do erógeno e do prazer, Freud não trouxe a especificidade da origem, ou da natureza sexual, muito por conta das limitações teóricas de sua época, e também da ideia heteronormativa que enviesou por inteiro a lógica sexual de seu tempo. Mas trouxe contribuições importantes para conseguirmos visualizar o processo que ocorre na fundamentação dos princípios eróticos ainda em tenra infância, e como sua formação se dá de maneiras que são atribuídas tanto a experiência particular, como os meios coletivos que proíbem a sua orientação. Construindo assim, uma lógica que vincula a vida sexual com a vida cotidiana, pois ambas, expressas na dimensão psicanalítica, se fazem em correspondência, mesmo que em sua externalização de maneiras diferentes.

Com Bataille, percebemos a importância da experiência que existe por singular. Própria a pessoa que sente, de uma maneira praticamente transcendental, a sexualidade não consegue ser expressada por vias convencionais, não há meios que consigam elucidar sua existência através da linguagem ou da racionalidade. A emancipação que existe, dentro da literatura batailliana, expressa a essência da perversão, pois é o acontecimento sem restrições, elevado ao seu estado puro, irrestrito. O erotismo, como vimos, busca como seu fim a fusão, do objeto de desejo, e daquele a quem o deseja. E a lógica que impera dentro dessa relação, não convém as lógicas de proibição do mundo, os interditos sociais não dizem nada a respeito da experiência interior, nada propriamente diz.

Elaborar os interditos sociais também se fazem necessários para a estruturação da perversão, pois este é o meio que dirige a fenomenologia do mundo. Os pareceres sociais não dizem mais respeito a uma ordem coletiva que vise a operação em coletividade, pelo contrário, dobra-se o reforço da coletividade para com a individualidade, a fim de que esta seja submissa as categorizações de vidas a serem vividas. A sexualidade não possui espaço na sociedade, tal fenômeno só pode ser vivenciado sobre total segredo, sem algazaras. O conteúdo sexual, ao contrário, expressa-se de maneira praticamente ininterrupta, explorando todos limites possíveis dentro do mercado capitalista, podendo relacionar-se com todos os meios que os imperativos do desejo possam estar presentes.

Em consonância com este funcionamento, tanto Agambem quanto Preciado dialogam em direção aos avanços necessários da biopolítica, sobre a necessidade de desregular-se destes meios de controle, a fim de conseguir atingir a própria linguagem, uma liberdade que não se expressa através das categorias previamente existentes, uma nova. Romper com os movimentos coletivos não é uma tarefa fácil, segundo Benjamin “*Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Este ponto é a guerra.*” (Benjamin, 1994, p. 195) a revolução só consegue agir molecularmente, entre ações micropolíticas, que geram o impacto necessário/suficiente para que o óbvio surja como sendo passível a ser questionado.

A perversão, por sua vez, nada mais é que a expressão sexual sem restrições, sem medos, nomes ou conversões. A atividade sexual, seja qual for, expressa na realidade, é traduzida pela luz de entendimento entre certo/errado, doentio/saudável, estético/repugnante. A pessoa que experiencia o fenômeno sexual pode até se enquadrar dentro dos circuitos de categorização, porém, enquanto acontecimento, a experiência transcorre de maneiras completamente inacessíveis. Cabendo ressaltar a potencialidade que existe entre cada singularização, que, ao se desanestesiarem das forças de aniquilação, encontram em si mesmas a capacidade de sentir os fenômenos a sua maneira, sem restituir aos valores estabelecidos, criando novas conexões com o mundo e com a vida.

## REFERÊNCIAS

AGANBEM, Giorgio. **Homo Sacer: O homem soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed 2014.

BATAILLE, Georges. **A história do olho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.86.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Benjamin, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura história e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

TIQQUN. **Contribuições para uma guerra em curso**. São Paulo: N-1 edições, 2019.

TIQQUN. **Como fazer? Como desertar?** São Paulo: N-1 edições. 2019. p. 14.